

Ateliê Fotográfico: o exercício da imaginação, da criatividade, da expressão pessoal e do pensamento crítico por meio da criação e análise de fotografias

Marden Nascimento¹

Lucia Santa Cruz²

O objetivo desse artigo é analisar como o aprendizado da leitura e da prática fotográfica pode contribuir para que estudantes do ensino médio resolvam problemas por meio da criatividade. Para isso, examinamos os relatos dos dois ciclos do Ateliê Fotográfico – que foi a pesquisa de campo realizada para a dissertação “Ateliê Fotográfico: o efeito do ensino-aprendizagem de fotografia na liberação das forças criativas” – para fornecer uma solução educacional que possa ser somada a outras com o propósito de articular o sistema educacional e a economia criativa. Partindo de pesquisas bibliográfica e exploratória, tencionamos identificar a vinculação entre economia criativa, fotografia, educação, imaginação, expressão e criatividade. Utilizamos como referencial pesquisadores da economia criativa, como Landry e Florida; autores que discutem a configuração do mundo do trabalho, como Araya e Peters e a arte educadora Ana Mae Barbosa.

Palavras-chave: fotografia; educação; criatividade; imaginação; economia-criativa.

Photography Studio: exercising imagination, creativity, personal expression, and critical thinking through the creation and analysis of photographs.

The aim of this article is to analyze how learning reading and photographic practice can contribute to high school students solving problems through creativity. To achieve this, we examined the reports from the two cycles of the Photographic Studio - which was the field research carried out for the dissertation "Photographic Studio: the effect of photography teaching and learning on the release of creative forces" - to provide an educational solution that can be added to others with the purpose of harmonizing the educational system and the creative economy. Starting from bibliographic and exploratory research, we aim to identify the linkage between creative economy, photography, education, imagination, expression, and creativity. We used researchers in the creative economy such as Landry and Florida, authors who discuss the configuration of the world of work, such as Araya and Peters, and art educator Ana Mae Barbosa as a reference.

Keywords: photography; education; creativity; imagination; creative economy.

¹ Professora da FACHA. Mestre em Gestão da Economia Criativa pela ESPM Rio. E-mail: marden_nascimento@hotmail.com

² Professora da Graduação e do Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da ESPM Rio. Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. E-mail: lucia.santacruz@espm.br

Artigo recebido em 13/03/2023 e aprovado em 28/04/2023. Artigo convidado à submissão e avaliado em *double blind review, fast-tracking*.

Editores responsáveis pela seção especial: Sílvia Borges Corrêa (ESPM Rio), João Luiz de Figueiredo (ESPM Rio) e Cristiano Max Pereira Pinheiro (FEEVALE).



Introdução

A economia criativa firma-se globalmente como um dinâmico conjunto de atividades produtivas que tem como base o conhecimento, a inovação e a criatividade. Este arranjo está relacionado com as transformações ocorridas na economia mundial desde a década de 1970, que até então era estabelecida no uso intensivo de capital e trabalho com foco na produção em massa. (HARVEY, 2010). Como resultado, é possível identificar a emergência da lógica da inovação em relação à lógica da imitação e da repetição (HARVEY, 2010).

Nesse contexto, a criatividade é entendida como a imaginação aplicada que utiliza qualidades como inteligência, capacidade inventiva e aprendizado, e não se restringe apenas ao domínio dos artistas ou dos trabalhadores da economia criativa. Pelo contrário, desenvolver a criatividade pode ser útil para profissionais de diversos setores produtivos que precisam encontrar soluções inovadoras e não convencionais para os problemas que enfrentam (LANDRY, 2013).

Como a inovação é fundamental para a economia, é crucial fomentar o aprendizado de competências que estimulem a produção de soluções por meio da criatividade como forma de impulsionar o desenvolvimento humano e econômico da sociedade. Nesse sentido, Araya e Peters (2010) apontam a necessidade de renovar a educação no que diz respeito a necessidade de explorar novos modelos pedagógicos que possibilitem a emergência dos talentos individuais dos estudantes.

Para eles, é necessário flexibilizar os currículos escolares, ou seja, torná-los adaptáveis aos interesses dos estudantes e a diferentes grupos, locais e realidades. Essas mudanças têm o propósito de possibilitar que os estudantes atribuam sentido a sua formação e se aproximem do necessário para se mover na sociedade contemporânea: unir conhecimentos que se encontram estanques em disciplinas, buscar o equilíbrio emocional, erigir e fortalecer a inteligência coletiva e estimular a crítica, a empatia, a gestão do estresse, o trabalho em grupo, a criatividade, a comunicação e a negociação.

Além disso, permear o sistema social pelas artes, filosofia e literatura colabora para flexibilizar os currículos e liberar as forças criativas (BROWN, 2010).

Comim (2019) aponta evidências sobre o papel das artes no desenvolvimento humano, sugerindo razões para reconhecer as artes como parte fundamental e estratégica da educação de crianças e jovens. Em síntese, Comim destaca a melhora da motivação e do envolvimento dos estudantes em projetos, a oportunidade de unir uma cultura visual aos modelos pedagógicos tradicionais para lidar com um mundo cada vez mais visual e icônico, e a promoção de um aprendizado criativo e prático para enfrentar as mudanças nas estruturas econômicas decorrentes da introdução da inteligência artificial, que irão alterar não só os mercados de trabalho, mas também aspectos essenciais do funcionamento da sociedade (COMIM, 2019). Isto se torna particularmente necessário no ensino médio, quando o sistema tradicional prioriza a compartimentalização de disciplinas, o que impede muitas vezes o desenvolvimento de competências comportamentais, as chamadas *soft skills*.

Neste artigo, analisamos os relatos dos dois ciclos do Ateliê Fotográfico, a pesquisa de campo realizada para a dissertação "Ateliê Fotográfico: o efeito do ensino-aprendizagem de fotografia na liberação das forças criativas", tendo em vista apresentar razões pelas quais a

fotografia pode ser reconhecida como parte fundamental e estratégica da formação acadêmica e do desenvolvimento humano de estudantes do ensino médio. O objetivo desse artigo é analisar como o aprendizado da leitura e da prática fotográfica pode contribuir para que estudantes do ensino médio resolvam problemas por meio da criatividade. Com isso, buscamos fornecer uma solução educacional que possa ser somada a outras com o propósito de articular o sistema educacional e a economia criativa.

No Brasil, em 2020 a economia criativa empregou formalmente 935 mil profissionais e movimentou R\$217,4 bilhões. Esse valor é comparável a produção total do setor de construção civil e superior a produção total do setor extrativista mineral. Nesse mesmo período, o rendimento médio dos trabalhadores da indústria criativa foi R\$6.926,00, cerca de 2,4 vezes superior do que a média salarial brasileira. (FIRJAN, 2022).

Para acompanhar as demandas profissionais da economia criativa, Araya e Peters (2010) apontam a necessidade de renovar a educação no que diz respeito a necessidade de explorar novos modelos pedagógicos que possibilitem a emergência dos talentos individuais dos estudantes.

O aprendizado de leitura e prática fotográfica pode ser apontado como uma solução educacional para atender às demandas da economia criativa por duas ações: IMAGINAR e EXPRESSAR. Visto que no contexto no qual as matérias primas não são mais o aço e o carvão, mas sim criatividade e significados produzidos pela imaginação humana (BROWN, 2010), há que se valorizar a emergência da imaginação (ideia) e da criatividade (trabalho para formar algo novo) (OSTROWER, 1987), pois elas são responsáveis pela produção carregada de valor simbólico e geradoras de propriedade intelectual - principal fonte de receitas da economia criativa (THROSBY, 2010).

EXPRESSAR-SE para refletir sobre o seu ser faz com que o indivíduo se apodere de sua singularidade, aptidões, sonhos, angústias e indagações. (BARBOSA, 2014). IMAGINAR o que se pode ser, sem usar as amarras do certo e do errado, torna o real menos rígido e possibilita observá-lo de diferentes pontos de vista (BARBOSA, 2014).

Com a popularização das câmeras digitais pré-instaladas em celulares, fotografar deixou de ser um ato solene reservado a ocasiões especiais e seu domínio passou das mãos dos adultos para as mãos dos jovens e adolescentes. Com isso a fotografia deixou de ser concebida como um “documento” e passou a ser feita como “diversão” e/ou explosões vitais de autoafirmação (FONTCUBERTA, 2012, p. 31).

Nas palavras do fotógrafo e produtor latã Cannabrava, “talvez o maior instrumento universal de fazer cultura hoje seja a câmera fotográfica” (FERRON; COHN, 2010, p. 1, 4) e por meio dela o indivíduo passa a ter uma ferramenta de desenvolvimento de linguagem.

A pesquisa

Este artigo teve como base o exame dos dois ciclos do Ateliê Fotográfico, pesquisa de campo realizada em 2019 para a dissertação “Ateliê Fotográfico: o efeito do ensino-aprendizagem de fotografia na liberação das forças criativas”. A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Albert Sabin, que é uma escola pública estadual de ensino médio situada no

subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, bairro Campo Grande, que fica a 60 quilômetros de Copacabana, cartão postal da cidade. O bairro conta com poucos equipamentos culturais e as bibliotecas das escolas públicas têm acervo pouco diversificado.

O objetivo dessa pesquisa foi verificar como o ensino-aprendizagem de produção e leitura de fotografias pode contribuir para o desenvolvimento de competências desejadas na formação de indivíduos aptos a resolver problemas por meio da criatividade.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica que serviu para contextualizar o estudo em relação a história, a educação para criatividade e a fotografia. Essa fase da pesquisa consistiu em uma etapa exploratória que oportunizou maior familiaridade com a área de estudo. (GIL, 2018).

No que diz respeito à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, na qual empregaram-se a observação participante e entrevistas coletivas em profundidade, com o uso de instrumentos como diário de campo e roteiro de entrevistas semiestruturadas, características do método etnográfico.

Essas ações de pesquisa fundamentaram a construção do protótipo de um método de ensino e aprendizagem de fotografia - elaborado como uma tecnologia social - que foi designado como "Ateliê Fotográfico".

O Ateliê Fotográfico é um método de ensino de fotografia estruturado a partir dos desejos, interesses e necessidades dos estudantes do ensino médio. Seu objetivo é exercitar a imaginação, a criatividade, a expressão pessoal e o pensamento crítico por meio da criação e análise de fotografias. O método é oferecido em uma oficina com o mesmo nome, que incentiva os participantes a fotografar com seus smartphones para entender e aplicar os fundamentos da comunicação visual e criar fotografias a partir de ideias previamente elaboradas.

O Ateliê Fotográfico valoriza o fazer fotográfico em meio à banalização da produção fotográfica causada pela facilidade do uso da fotografia digital, estimulando os participantes a conhecer referências para ampliar seus repertórios visuais e compreender a evolução da fotografia como arte e meio de comunicação desde sua origem até o presente.

O método foi designado como "Ateliê Fotográfico" porque foi pensado para ser um espaço de criação, experimentação, manipulação e produção. As atividades foram orientadas para atender às seguintes: competências gerais da BNCC³: desenvolver habilidades de pensamento crítico e criativo, repertório cultural, comunicação, empatia e cooperação.

O pesquisador, que tem experiência como fotógrafo e professor de fotografia, utilizou essa experiência para identificar os desejos, interesses e necessidades dos participantes, propor atividades, pesquisar conteúdos, identificar competências e indicar a duração necessária para cada atividade. Durante a pesquisa de campo, o pesquisador assumiu o papel de professor na oficina Ateliê Fotográfico. A pesquisa foi realizada em dois ciclos, cada um

³ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo, estabelecido pelo Ministério da Educação, que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica no Brasil.

com oito e seis aulas, respectivamente, em diferentes locais da escola. O planejamento das aulas foi diário, e as percepções acerca de cada encontro foram registradas em diário de campo com o objetivo de produzir a análise final.

Cabe aqui realizar duas explicações importantes:

Primeiramente, por ser um protótipo, o método Ateliê Fotográfico é um modelo que pode ser aprimorado para futuras produções a partir dos testes práticos realizados.

Em segundo lugar, é importante destacar a reapplicabilidade do método. O Ateliê Fotográfico foi concebido como uma tecnologia social, o que significa que a adaptação é uma característica desse tipo de conhecimento. As tecnologias sociais são ferramentas desenvolvidas a partir do conhecimento popular, dos problemas locais, da criatividade, da disponibilidade de recursos, da mão de obra e dos talentos locais. Essas características fazem com que as tecnologias sociais sejam soluções mais acessíveis e econômicas, pois são construídas a partir de experimentações e conhecimentos locais, e sua reapplicação se dá de acordo com as necessidades e recursos disponíveis (SEBRAE, 2017).

Realizar a pesquisa de campo em uma escola pública foi essencial já que “a escola seria a instituição pública capaz de tornar a arte possível para a maioria dos estudantes” (BARBOSA, 2014, p. 34). Esse argumento é corroborado pelos dados do censo escolar de 2021, que mostram que 84,5% das matrículas no ensino médio foram realizadas em escolas públicas (BRASIL, 2021, p.28). Em outras palavras, a maioria dos estudantes do Brasil está matriculada na rede pública.

Portanto, realizar uma intervenção educacional numa escola pública não só é desejável como também é um avanço civilizatório, visto que “uma cultura da inovação precisa incluir todos, não só um grupo seletivo.” (ROBINSON, 2019, p.19) e “as massas têm direito a sua própria cultura e também a cultura da elite, da mesma maneira que a elite já se apropriou da cultura de massa, embora quase sempre “hospedada no Hilton Hotel” (BARBOSA, 2014, p. 34).

Em resumo, a pesquisa de campo realizada em uma escola pública mostra a importância de se promover a arte na rede pública de ensino e de se reconhecer a cultura de todos os grupos sociais, independentemente da sua origem.

A coleta

A população participante da pesquisa foi composta por estudantes do ensino médio regular do Colégio Estadual Albert Sabin, com faixa etária entre 15 e 19 anos. Não foram aceitas quaisquer outras distinções, sejam elas cor/raça (classificação do IBGE), etnia, orientação sexual, identidade de gênero e classes e/ou grupos sociais.

Ao todo dezessete estudantes participaram da pesquisa, sendo dez participantes no primeiro ciclo e sete no segundo ciclo.

A inscrição para participar do Ateliê Fotográfico foi realizada de forma voluntária pelos interessados. Havia duas condições para participar da pesquisa: o participante deveria portar um *smartphone* com câmera para ser usado nas aulas e ter acesso a internet para enviar as fotografias solicitadas.

A pesquisa de campo consistiu em dois ciclos nos quais o Ateliê Fotográfico operou com 8 aulas de 16 horas de duração no primeiro ciclo e 6 aulas e 12 horas de duração no segundo ciclo.

Quadro 1 - Descrição da quantidade de aulas, duração e periodicidade de cada ciclo do Ateliê Fotográfico

Entrada em campo	Quantidade de participantes	Faixa etária dos participantes	Quantidade de aulas	Duração	Periodicidade
1ª	10	Entre 15 e 19 anos	8 aulas	16 horas	2ª, 4ª, 5ª e 6ª ao longo de duas semanas
2ª	7	Entre 15 e 19 anos	6 aulas	12 horas	2ª, 4ª, 5ª, 2ª, 5ª e 6ª ao longo de duas semanas.

Fonte: Nascimento, 2020

No ateliê fotográfico, tanto no primeiro como no segundo ciclo, os instrumentos utilizados foram o diário de campo e as gravações dos áudios das entrevistas. O diário de campo foi utilizado para registrar as observações e informações relevantes obtidas em conversas informais ou nas aulas. Já as gravações dos áudios das entrevistas foram essenciais para registrar as conversas formais, seguindo um roteiro de perguntas.

No primeiro ciclo, foram realizadas duas entrevistas, uma na quarta aula e outra na oitava aula, enquanto no segundo ciclo foram realizadas nas aulas quatro e seis. Durante todo o processo, foram realizadas anotações no diário de campo através da observação participante, proporcionada pelo tempo de contato com o campo. As informações obtidas por meio da observação participante foram fundamentais para a construção das aulas subsequentes.

No que diz respeito ao engajamento ético, a pesquisa foi elaborada de acordo com a Resolução CNS nº 510/2016 de 07 de Abril de 2016, que diz respeito à dignidade humana e pela especial proteção devida dos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Da mesma forma é oportuno informar que o projeto para realizar essa pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da ESPM.

Para assegurar o cumprimento das garantias éticas que competem à pesquisa proposta, os estudantes que se inscreveram voluntariamente para participar do Ateliê Fotográfico receberam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para serem assinados por eles, ou no caso de menores de 18 anos, pelos responsáveis. Nos referidos TALE e TCLE constam medidas que garantem a liberdade de participação, a integridade do participante da pesquisa e a preservação dos dados que possam identificá-lo, garantindo, especialmente, a privacidade, sigilo e confidencialidade e o modo de efetivação.

No que diz respeito aos riscos, identificamos que na realização da considerada pesquisa havia possibilidade de riscos de níveis mínimos, de natureza física ou emocional para os participantes da pesquisa. Tal possibilidade se relaciona ao fato de que a produção de imagens fotográficas resulta em grande impacto na formação do imaginário atual (PEIXOTO, 1989) e sobre o que sabemos, aprendemos, compramos, reconhecemos e desejamos (DONDIS, 1997). Tal possibilidade de risco e sua gradação encontra-se em conformidade com o artigo 21 da Resolução CNS nº 510/2016 em função da característica e circunstância do projeto. Ainda para minimizar a possibilidade de riscos de natureza física ou emocional, desenvolvemos a pesquisa no interior da escola, sem atividades externas. Essa medida tencionou atender aos artigos 19 e 20 da Resolução CNS nº 510/2016.

Por último, é pertinente explicitar que não ocorreu nenhuma intercorrência que tenha causado algum tipo de dano ou desconforto, mesmo mínimo, a participantes da pesquisa.

O relato do primeiro ciclo do Ateliê Fotográfico

Os objetivos de aprendizagem definidos para esse ciclo foram compilar referências para ampliar o repertório visual, executar fotografias como forma de expressão individual, explorar interesses individuais no campo da cultura visual e produzir fotografias para exercitar a imaginação e a expressão pessoal.

A partir desses objetivos de aprendizagem, estipulamos três práticas de criação fotográfica: produzir um autorretrato, criar o retrato de outra pessoa e construir uma fotografia de espaços afetivos dentro da escola.

Nas duas primeiras aulas realizamos a leitura de fotografias produzidas por Claudia Andujar e Edward Weston.

Ter esses dois fotógrafos como referência é de grande importância para os estudantes de fotografia e para a produção artística em geral. Claudia Andujar, com seu trabalho fotográfico junto aos Yanomami, traz a sensibilidade e a responsabilidade social para a produção de imagens, além de evidenciar a importância da diversidade cultural e da preservação ambiental. Já Edward Weston, com suas composições e estudos de luz e sombra, é uma referência fundamental para a fotografia de arte, demonstrando a capacidade de transformar elementos do cotidiano em obras de arte através da percepção aguçada e da técnica apurada. Ter esses dois fotógrafos como referência é fundamental para a formação de um olhar crítico e sensível, que se preocupa tanto com a estética quanto com a mensagem que a imagem pode transmitir.

Essa atividade teve como propósito promover a construção do repertório visual dos participantes através do reconhecimento das intenções dos fotógrafos e de quem encomendou as fotografias.

Na entrevista realizada ao término do primeiro ciclo do Ateliê Fotográfico, os participantes relataram que essa atividade possibilitou o desenvolvimento de uma outra forma de relacionar-se com fotografias. A. nos falou:

E... O que eu esperava, né, do curso?! Assim, de começo, eu tinha uma ideia um tanto quanto idiota, mas, uma ideia de que tirar uma foto era só botar a câmera no alvo e apertar o botão. E eu achava que o curso ia ser algo superficial, de só dizer: "Ah! Você tira foto, edita aqui e ali, "tá bom". Mas, depois da primeira aula que o professor... / que, assim que eu cheguei, já teve o slide e fiquei me perguntando: como assim vai ter um slide na aula de fotografia? Mas, nisso, eu fui vendo, sabe? Que você foi ensinando como escanear a imagem, a entender a imagem, o sentimento, a expressão, o que aquela imagem "tá" te dizendo. Aí, nisso, eu já fui mais... / já fui me aprofundando e fui vendo que não é só como eu achava que era só apertar um botão. Mas, tem todo um processo até você, realmente, conseguir registrar uma foto. (A.)

Ainda nas primeiras aulas apresentamos os três Ts – Talento, tecnologia e tolerância – propostos por Florida (2011) para descrever as condições que possibilitam atrair a classe criativa e que, para o propósito da pesquisa, serviram para orientar sobretudo os comportamentos dos participantes. Entendemos que essa foi a oportunidade para desenvolver a empatia e cooperação, por meio da promoção do respeito ao outro, com acolhimento e consideração a diversidade.

Produzir um autorretrato com intenção de protesto ou auto exposição foi a solicitação para a primeira entrega do Ateliê Fotográfico. Era esperado que os estudantes construíssem reflexões a respeito de si, esquivando-se de abordagens baseadas na fotogenia.

Para a segunda entrega solicitamos a criação de um retrato inspirado no retrato *Afghan Girl*⁴, feito pelo fotógrafo Steve McCurry.

Ter o fotógrafo Steve McCurry como referência é importante para entender a fotografia documental contemporânea. Seu trabalho é marcado pela sensibilidade e pela empatia com seus retratados, que muitas vezes são de culturas e lugares distantes. Seu estilo é caracterizado por imagens fortes e vívidas que capturam a essência dos indivíduos e das paisagens que ele fotografa. Além disso, McCurry é um fotógrafo engajado socialmente, tendo documentado conflitos armados, migrações e outras questões importantes da atualidade. Suas imagens são reconhecidas internacionalmente e servem de inspiração para fotógrafos que buscam contar histórias por meio da imagem.

A terceira entrega foi realizada dentro da escola, na qual solicitamos que os participantes fotografassem seus locais de afeto dos estudantes nesse espaço. Os estudantes tiveram como propulsor uma conversa coletiva sobre afeto e o que afeta cada um. Alguns participantes relataram, após a última entrega, que essa atividade serviu para provocar reflexões acerca da escola e ressignificar os espaços por meio da "descoberta" de um lado mais "positivo" desses ambientes. A. fez uma reflexão a respeito dessa atividade:

No início, quando foi dada a tarefa do lado afetivo, não disse que seria uma escola. Então, a gente sei lá fotografar o lugar que vou sempre, tipo coisas em casa, então,

⁴ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Afghan_Girl Acesso em 09 abr 2023.

nossa vai ser uma coisa muito fácil e tipo, pelo fato de ser na escola, e, tipo, causa uma autorreflexão muito grande, porque, geralmente, escola a gente crítica mais do que elogia. Me fez pensar em locais, lugares e coisas que a escola me proporcionou de bom. Foi uma experiência bem legal. Me fez um pouco pensar que eu vou sentir falta, porque mesmo sendo escola considerado um lugar bem quadrado, assim... Até hoje eu sei que eu vou sentir falta de estar aqui todo dia. Então, foi bem legal essa parte da reflexão que causou.

A partir da análise do desenvolvimento do primeiro ciclo, se pensaram em alterações no segundo ciclo, que envolveram mudanças nos objetivos de aprendizagem e na utilização das fotografias de profissionais.

O relato do segundo ciclo do Ateliê Fotográfico

Os objetivos de aprendizagem definidos para o segundo ciclo do Ateliê Fotográfico foram exercitar a imaginação e a expressão e o pensamento crítico através da produção de fotografias, exercitar a leitura de fotografias e compilar referências com o propósito de ampliar o repertório visual. Com igual importância desejamos explorar dúvidas surgidas no primeiro ciclo: Qual é a forma mais eficiente de ensinar os estudantes a fotografar? É necessário operar uma câmera DSLR⁵ para aprender a fotografar? Como se dá o aprendizado dos estudantes fora da escola?

Comparando o segundo ciclo ao primeiro, as mudanças na estrutura do Ateliê Fotográfico passaram a acontecer a partir da terceira aula. Nessa aula os participantes puderam escolher entre folhear ou ler fotolivros⁶ sem critérios previamente definidos. É importante destacar que tivemos que levar os fotolivros usados nas aulas, pois esse tipo de livro não foi identificado no acervo da biblioteca da escola.

A leitura do fotolivre “*Based on a true story*”⁷ do fotógrafo David Alan Harvey, cuja narrativa se passa no Rio de Janeiro, provocou intensa discussão acerca de cultura visual, da necessidade de equipamentos culturais na zona oeste do Rio de Janeiro, de identidade e de formas de obter conhecimento.

O fotógrafo David Alan Harvey é conhecido por seu trabalho como fotojornalista e documentarista, que se destaca por suas composições visuais complexas e dinâmicas. Ele é especialmente reconhecido por seu trabalho sobre a cultura latina, incluindo suas fotografias premiadas da cidade de Rio de Janeiro. Como referência, Harvey pode ser importante para estudantes de fotografia que desejam aprender como criar uma narrativa visual forte e imersiva, especialmente em situações de documentação de culturas e sociedades diversas.

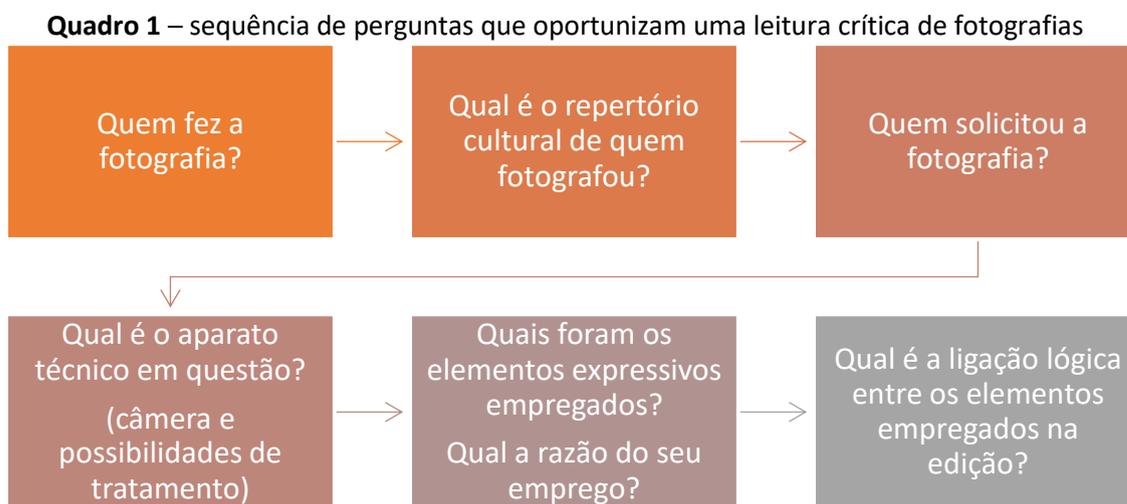
⁵ DSLR é a abreviação de *Digital Single Lens Reflex*, ou em português, Câmera Reflex Digital. Esse é o tipo de câmera que popularmente é conhecida como “câmera profissional”, ou seja, a DSLR é um tipo de câmera que troca a objetiva (lente) e incorpora controles manuais para todos os recursos disponíveis, possibilitando uma gama maior para criação.

⁶ Fotolivre é um tipo particular de livro de fotografia, em que as imagens predominam sobre o texto e em que o trabalho conjunto do fotógrafo, do editor e do designer gráfico contribui para a construção de uma narrativa visual. Disponível em <https://tinyurl.com/vqnb64p>. Acesso em 01 fev 2020.

⁷ Disponível em <https://www.davidalanharvey.com/basedonatruestory> Acesso 09 abr 2023.

Seu trabalho também é uma referência valiosa para aqueles que desejam explorar o potencial artístico e poético da fotografia documental.

Na segunda parte da aula apresentamos uma sequência de perguntas que oportunizou a leitura crítica de fotografias. São elas:



Fonte: Nascimento, 2020.

A terceira aula foi finalizada com a contextualização das fotografias através da discussão a respeito dos gêneros fotográficos. O jornalismo foi abordado de maneira mais detalhada, por meio da leitura de fotografias do *World Press Photo* dos anos de 2018 e 2019.

O World Press Photo é um dos mais importantes prêmios de fotojornalismo do mundo e uma instituição que promove a fotografia documental e a liberdade de expressão. O prêmio é conhecido por apresentar imagens impactantes que refletem os problemas sociais e políticos atuais, além de questões culturais e ambientais. Ter o World Press Photo como referência é importante para estudantes e profissionais da fotografia, pois permite o acesso a um vasto acervo de imagens documentais que contam histórias do mundo todo e mostram como a fotografia pode ser uma poderosa ferramenta para a conscientização e a mudança social.

O propósito da quarta aula foi ampliar o repertório visual. Para isso, analisamos a fotografia *Men on a Rooftop*⁸, realizada pelo fotógrafo René Burri em São Paulo em 1960 para a revista alemã "*Praline*". O objetivo da atividade foi construir ou reconstruir a narrativa da fotografia.

René Burri foi um fotógrafo conhecido por seus trabalhos na fotojornalismo e na fotografia de viagem. Ele é reconhecido como um dos mais importantes fotógrafos do século XX e um dos membros mais importantes da renomada agência de fotografia Magnum. Sua obra é importante como referência porque foi influente em diversos campos da fotografia,

⁸ Disponível em <https://www.artsy.net/artwork/rene-burri-men-on-a-roof-top-sao-paulo-brazil>
Acesso em 09 abr. 2023.

desde o fotojornalismo até a arte. Além disso, sua habilidade em capturar a vida cotidiana e as culturas de diferentes lugares do mundo de uma forma poética e estética influenciou muitos fotógrafos a explorarem novas formas de registrar o mundo ao seu redor. Seus trabalhos também demonstram um compromisso com as questões sociais e políticas, que ainda são relevantes e inspiradoras para os fotógrafos contemporâneos.

Nessa atividade todos os participantes responderam à sequência de perguntas que oportuniza a leitura crítica de fotografias. Também foi disponibilizado um *tablet* para que os participantes pudessem analisar a fotografia com mais detalhes e pesquisar a respeito do seu contexto. Em seguida os participantes escreveram suas percepções acerca da imagem em *post-its* que serviram para nortear a construção da narrativa da imagem.

Figura 1 – Participantes observando em detalhes a fotografia *Men on a Rooftop*



Fonte: Nascimento, 2020.

Na quinta aula, os participantes produziram retratos usando as câmeras dos *smartphones*. Essa atividade objetivou desenvolver a expressão através da linguagem fotográfica. Nesse encontro, os participantes foram instruídos sobre composição fotográfica para retratos, a iluminação e ajustes da exposição.

O objetivo da sexta aula foi verificar se era necessário operar uma câmera DSLR para aprender a fotografar.

Para isso, fotografamos os participantes usando uma câmera DSLR com o objetivo de explicar como segurar a câmera fotográfica, como se comunicar com as pessoas fotografadas, como focalizar e como enquadrar. Em seguida os participantes puderam fotografar uns aos outros com a câmera DSLR.

Logo após essa prática, perguntamos aos participantes da pesquisa: quanto ao uso da câmera DSLR, como foi ver um dos pesquisadores fotografando e depois utilizar o equipamento fotográfico? Y. respondeu:

- Como você fotografou primeiro, já tinha um ponto de referência, porém a gente foi, como você havia mostrado uns ângulos, [...] a gente foi criando algum tipo de imagem e pode fotografar esse tipo de ideia que a gente tinha.

E prosseguiu com sua explicação.

- Como a gente tá usando uma câmera profissional a gente tem a referência de como seria uma fotografia profissional, como seria o ângulo, como seria a exposição à luz, como seriam outras coisas... e você pode transcrever isso para o celular, entendeu? Você pega e pensa assim... beleza: eu posso usar de certa maneira, pois eu já tenho uma referência de como fotografar com um equipamento melhor. Então você pega essas referências e realmente você transcreve para o celular e você vai olhando os ângulos, a exposição, a luz, essas coisas todas no celular.

Identificamos nessa fala que o conhecimento adquirido não é a sua reprodução, mas sim a apropriação feita através da tradução para si, à sua maneira, fazendo com que o indivíduo, “possa guiar seu olhar e ajudá-lo a ver o que ele precisa ver”. (SCHÖN, 2000, p. 25).

Nessa etapa, aproveitamos para entender a maneira como o grupo pesquisado, jovens entre 15 e 19 anos, aprende. Identificamos que para esse grupo o aprendizado está organicamente relacionado com as tecnologias da informação e da comunicação (TICs), através da fala de Y. que relatou como aprendeu a tocar guitarra sozinho:

Pesquisador: - Como é esse aprender sozinho?
Y: - A gente nunca aprende sozinho. Tem que ter um tipo de gabarito antes para saber por onde tem que começar.
Pesquisador: - E no caso qual foi esse gabarito?
Y: - Foi procurar entender como ler tablatura e começar a transcrever isso para o braço da guitarra e começar a tocar assim. [...]
Pesquisador: - A tablatura. Como é que você aprendeu tablatura?
Y: - Como eu aprendi? A tablatura é muito simples de ler...
Pesquisador: - Tudo bem. Mas como você aprendeu?
Y: - Como eu aprendi?
Pesquisador: - É... foi conversando com alguém?
Y: - Eu procurei as notas, aprendi o que era a afinação da guitarra, a numeração das casas [...]
Pesquisador: - E você usou um livro ou algo assim?
Y: - Não, nada, só o Google.
Pesquisador: - Só o Google, né?

Essa fala indica que para o estudante o aprendizado e as TICs estão hibridizados de uma tal forma que ele não consegue identificar a participação do *Google* no seu processo de aprendizagem. Somente estimulado Y. conseguiu verbalizar que o *Google* foi uma ferramenta usada no seu processo de aprendizado. Isso nos remete ao argumento de Lévy (1999) a respeito da mutação contemporânea da relação com o saber, que diz que o ciberespaço comporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam funções cognitivas humanas como memória, percepção, raciocínios, dessa maneira indicando a importância das Tecnologias da Informação e Comunicação no processo de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

Furtado (1984) propôs que o desenvolvimento endógeno dos países periféricos deveria ser associado a educação para assim expandir o gênio criativo e liberar as forças criativas. Castells (2019) nos fez saber que, desde a década de 1990, período no qual a

criatividade se estabeleceu como um ativo diferencial da economia, vivenciamos a sociedade do conhecimento potencializada pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Dessas duas visões, percebe-se que um ambiente de inovação se desenvolve com políticas públicas para educação com visão estratégica para promover o desenvolvimento das ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)⁹, incorporando as inovações decorrentes das TICs. Além do investimento nas citadas ciências “duras”, uma das chaves para liberar as forças criativas é permeiar o sistema social pelas artes, filosofia e literatura, visando dar fluidez à imaginação (BROWN, 2010).

Tendo em vista que o objetivo desse artigo é analisar como o aprendizado de leitura e prática fotográfica pode contribuir para que estudantes do ensino médio resolvam problemas por meio da criatividade, sintetizamos a seguir alguns achados.

Fotografar para estimular a IMAGINAÇÃO e a EXPRESSÃO pode ser feito através de câmeras de *smartphones*. Compete a professores e professoras o papel de animar os estudantes a conceituar as fotografias que serão produzidas e empregar conscientemente os atributos básicos da fotografia na sua realização.

Fotografar pode acarretar riscos mínimos de natureza física ou emocional. As ameaças estão relacionadas a repercussão da produção fotográfica na formação do imaginário (PEIXOTO, 1989) e a interferência da fotografia no que sabemos, aprendemos, compramos, reconhecemos e desejamos (DONDIS, 1997). Dessa forma, é preciso atenção as particularidades de cada grupo, aos temas que se propõe fotografar e as imagens utilizadas nas aulas

Para enriquecer seus repertórios visuais os estudantes precisam ter contato com referências visuais da fotografia. Para isso as bibliotecas escolares devem incluir fotolivros nos acervos.

A aquisição de novos conhecimentos é feita através da apropriação da informação. Para isso, aqueles que ministrarão as aulas devem privilegiar atividades que façam os estudantes “traduzirem” informações para si em vez de memorizá-las.

Professores e professoras devem ser capacitados para trabalhar com fotografias em suas aulas e, para além das competências técnicas, é preciso preparação para identificar os interesses dos estudantes e oportunizar estratégias para que todos possam expressar seus interesses.

As Tecnologias da informação e da comunicação (TICs) são poderosas ferramentas de aprendizagem. Sendo assim, a câmera fotográfica, principalmente aquelas embarcadas em *smartphones* são os maiores instrumentos universais de fazer cultura atualmente.

De maneira geral há oportunidade para o desenvolvimento de aulas de fotografia no contraturno.

Por fim, fotografar dentro das escolas evita deslocamentos e reduz riscos de natureza física, entretanto, fotografar fora das escolas permite expandir os repertórios dos estudantes.

⁹ STEM é a sigla em inglês para *Science, Technology, Engineering e Mathematics* (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, em português).

Dessa maneira é preciso estar atento para identificar qual modalidade é mais adequada, de acordo com o grupo.

Referências

- ARAYA, D.; PETERS, M. A. **Education in the creative economy: knowledge and learning in the age of innovation**. Nova Iorque: Peter Lang, 2010.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Brasília, DF: Inep, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf Acesso em 04 set 2022
- BROWN, J. S. Foreword: Education in the Creative Economy. *In*: ARAYA, Daniel; PETERS, Michael A.. **Education in the creative economy: knowledge and learning in the age of innovation**. Nova Iorque: Peter Lang, 2010.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019. v.1.
- COMIM, Flavio. **Artes e esportes: relação com desenvolvimento humano integral**. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2019. Disponível em: https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pesquisa-Artes-e-Esportes_Relacao-com-desenvolvimento-humano-integral.pdf Acesso em 09 abr 2023.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.
- FERRON, F. M.; COHN, S. **latã Cannabrava Fotógrafo e produtor**. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/7195/46/latã%20Cannabrava%20-%20entrevista%2016.04.2010.pdf>. Acesso em 29 maio 2019.
- FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil / Firjan - 2022**. Disponível em: <https://www.firjan.com.br/economicriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa2022.pdf>. Acesso em 25 set 2022.
- FLORIDA, R. **A Ascensão da Classe Criativa**. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2011.
- FONTCUBERTA, J. **A câmera de pandora: a fotografi@ depois da fotografia**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2012.
- FURTADO, C. **Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- HARVEY, D. A. **Based on a True Story**. Burnout. 2013
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

NASCIMENTO, M. V. **Ateliê fotográfico: o efeito do ensino-aprendizagem de fotografia na liberação das forças criativas**. 2020. [125 f.]. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, [Rio de Janeiro]. Disponível em <http://tede2.espm.br/handle/tede/541> Acesso em 18 out 2022.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. [6ª. ed.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

PEIXOTO, N. B. **A arte de olhar nos olhos**. São Paulo: *Folha de S.Paulo*, Letras, p. G4-G5, 11 nov. 1989.

ROBINSON, K. **Somos todos criativos: os desafios para desenvolver umas das principais habilidades do futuro**. São Paulo: Benvirá, 2019.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed. 2000.

SEBRAE. **Tecnologias sociais: como os negócios podem transformar comunidades**. Cuiabá/MT: Sebrae, 2017. 32 p. Disponível em: <http://sustentabilidade.sebrae.com.br/Sustentabilidade/Para%20sua%20empresa/Publica%C3%A7%C3%B5es/Tecnologias-Sociais-final.pdf> . Acesso em: 14 fev 2020.

SHORE, S. **A natureza das fotografias: uma introdução**. São Paulo: Cosac e Naify, 2014.

THROSBY, D. **The economics of cultural policy**. New York: Cambridge University Press, 2010.